

V ENALI

ENCONTRO NACIONAL DE LÍNGUA E LITERATURA

CULTURA E LITERATURA:
REPRESENTAÇÃO DO ESPAÇO URBANO



A ESPACIALIDADE CONSTRUINDO SIGNIFICAÇÕES EM *LEITE DERRAMADO*

Me. Simone Maria dos Santos Cunha¹; Dr.^a Juracy Ignez Assmann Saraiva² FEEVALE

RESUMO

Manifestações culturais, e, em especial, a Literatura, retratam a sociedade de uma época, uma vez que instituem uma reflexão crítica sobre o contexto histórico e as atitudes humanas. Em *Leite derramado*, de Chico Buarque, o narrador possibilita ao leitor depreender, por meio do tratamento dado à espacialidade, a decadência de uma família que usufruía de posses e de uma posição privilegiada na sociedade, mas que não possuía valores morais que sustentassem sua dignidade. O romance desenvolve-se sob a junção de dois planos espaciais: o espaço do contexto, que é demarcado pelo hospital, e o espaço da memória, em que se cruzam a realidade da sobrevida no hospital e as lembranças do passado. Nessas, a família Assumpção percorre um itinerário no qual são recuperados locais do Rio de Janeiro, em que se desvelam a degradação moral e material da família. Assim, o tratamento dado à espacialidade reconstrói épocas e institui significações simbólicas, sendo possível depreender, por meio do discurso do narrador, a cultura da sociedade brasileira, subjacente à história ficcional. Portanto, a concepção de *Leite derramado* justifica o estudo da espacialidade, cuja análise se alia uma pesquisa bibliográfica, para comprovar que o espaço contribui para a significação da narrativa.

Palavras-chave: Manifestações culturais. Literatura. Espacialidade. Chico Buarque.

1 INTRODUÇÃO

As manifestações culturais retratam a sociedade de uma época e, ao mesmo tempo, refratam a essência do ser humano, uma vez que representam uma reflexão crítica sobre o contexto histórico e as atitudes humanas. A Literatura, como manifestação cultural, cumpre

¹Mestre em Processos e Manifestações Culturais (FEEVALE). Graduada em Letras (UNISINOS). Voluntária no Projeto Concepções de Leitura e de Literatura na ficção machadiana (Feevale). Assessora Cultural(SMAC Esteio).

²Pós Doutora em Teoria Literária (Universidade Estadual de Campinas).Coordenadora do Comitê Interdisciplinar da FAPERGS. Professora, pesquisadora e Coord. do Mestrado em Processos e Manifestações Culturais (Feevale).

V ENALI

ENCONTRO NACIONAL DE LÍNGUA E LITERATURA

CULTURA E LITERATURA:
REPRESENTAÇÃO DO ESPAÇO URBANO



seu papel humanizador por meio do trabalho minucioso que os artesãos da palavra imprimem às obras ficcionais. Nas obras literárias é possível experienciar de forma mais contundente a catarse e essa experiência do prazer estético oportuniza o encontro do homem consigo mesmo, o que justifica o fato de tanto Antônio Cândido quanto Roland Barthes afirmarem que a literatura deveria estar presente nos direitos humanos³.

Chico Buarque, no livro *Leite derramado*, como artífice das palavras, faz com que o leitor depreenda a decadência de uma família que usufruía de posses e de uma posição privilegiada na sociedade, mas a qual não possuía valores morais que sustentassem sua dignidade, por meio do tratamento dado à espacialidade. O vai e vem do personagem Assumpção pelos salões da memória mescla fantasia e realidade, uma vez que ele transita simultaneamente pelo tempo e pelo espaço, conjugando as referências temporais com as espaciais, as quais desvelam inúmeras significações simbólicas na narrativa. Logo, a espacialidade, longe de ser apenas um cenário, remonta pedaços de um quebra-cabeça perdido nos salões da memória, cujo encaixe possibilita o deciframento da degradação que a família Assumpção atravessa.

Essa forma de tratar a espacialidade justifica o posicionamento de Roland Bourneuf e Réal Ouellet de que as personagens de uma narrativa “agem umas sobre as outras e revelam-se umas às outras, pois fazem parte de uma constelação, da qual não se excluem os lugares e os objetos” (BOURNEUF; OUELLET, 1976, p. 200). E, uma vez que o espaço se constitui num elemento composicional da narrativa que está intimamente imbricado com as personagens e com a temporalidade, o tratamento dado à espacialidade reconstrói épocas e caracteriza significações por meio de signos que conjugam o olhar do leitor ao do autor. Pois, é por meio do discurso bem elaborado e do jogo empregado pelo narrador, que se torna possível depreender a cultura e a sociedade subjacentes à história ficcional inscritas nas referências espaciais.

³Antônio Cândido defendeu a inclusão da literatura entre os direitos humanos. Coincidentemente, em sua última aula no Collège de France, Roland Barthes também disse que o direito à literatura deveria constar nos direitos humanos. MOISÉS, Leyla Perrone. Por amor à arte. Scielo Brazil. *Estudos Avançados*. São Paulo, v.19, n.55, set.

V ENALI

ENCONTRO NACIONAL DE LÍNGUA E LITERATURA

CULTURA E LITERATURA:
REPRESENTAÇÃO DO ESPAÇO URBANO



Assim, para compreender *Leite derramado* como representação da sociedade e depreender a essência da alma humana que ali subjaz, é necessária uma análise da espacialidade, que neste ensaio será dividida em quatro tópicos: aspectos da narração e do estudo da espacialidade; a espacialidade como representação simbólica; os salões da memória: espaço e temporalidade mesclados em devaneios; a família Assumpção: a decadência inscrita em referências espaciais. Este ensaio, cuja metodologia está baseada na análise aliada a uma pesquisa bibliográfica pretende mostrar a importância das referências espaciais em um texto ficcional e se justifica pelas contribuições que elenca para os estudos literários. O ensaio será embasado por autores que explicitam aspectos referentes à Teoria da Literatura, principalmente no que diz respeito à análise estrutural da narrativa e ao estudo da espacialidade e da simbologia, incluindo estudos sobre a Poética do espaço.

2 ASPECTOS DA NARRAÇÃO E DO ESTUDO DA ESPACIALIDADE

A voz que narra este romance memorialístico é a de Eulálio d'Assumpção, filho de um senador, de família nobre, que perdeu toda a fortuna e conta as suas lembranças do leito de um hospital do Rio de Janeiro. Ele narra, para uma enfermeira que cuida dele à noite e, por vezes, à filha, suas lembranças, em meio às dores físicas que se misturam às espirituais, pois recordar dói, uma vez que, em suas palavras “a memória é uma vasta ferida” (BUARQUE, 2009, p.10). Além disso, estas lembranças fluem em pedaços, num monólogo sem ordem cronológica, pois “a memória é deveras um pandemônio, mas está tudo lá dentro, depois de fuçar um pouco o dono é capaz de encontrar todas as coisas” (BUARQUE, 2009, p. 41).

O narrador busca em seu passado as lembranças de Matilde, o amor de sua vida, cuja perda nunca aceitou e, na tentativa de entender o que se passou, retoma sua vida, desde as origens em seus ancestrais até seus descendentes. O eu narrador se distingue do eu protagonista para caracterizar a transformação do interior do indivíduo quando mistura observações sobre os acontecimentos do presente às narrações memorialísticas, num jogo

V ENALI

ENCONTRO NACIONAL DE LÍNGUA E LITERATURA

CULTURA E LITERATURA:
REPRESENTAÇÃO DO ESPAÇO URBANO



constante no qual passado e presente se complementam, desvelando a subjetividade do indivíduo. Os trechos abaixo descritos exemplificam essa distinção:

Lá em casa como em todas as boas casas, na presença de empregados os assuntos de família se tratavam em francês, se bem que, para mamãe, até me pedir o saleiro era assunto de família. E além do mais ela falava por metáforas, porque naquele tempo qualquer enfermeirinha tinha rudimentos de francês. Mas a moça não está para conversas, voltou amuada, vai me aplicar a injeção. O sonífero não tem mais efeito imediato, e já sei que o caminho do sono é como um corredor cheio de pensamentos. Ouço ruídos de gente, de vísceras, um sujeito entubado emite sons rascantes, talvez queira me dizer alguma coisa. O médico plantonista vai entrar apressado, tomar meu pulso, talvez me diga alguma coisa. (...) Até eu topar na porta de um pensamento oco, que me tragará para as profundezas, onde costumo sonhar em preto-e-branco (BUARQUE, 2009, p. 7- 8).

O narrador tem uma relação carinhosa com a enfermeira, para quem narra, ainda que platônica, como se pode exemplificar com o trecho a seguir: “Quando eu sair daqui, vamos nos casar na fazenda da minha feliz infância, lá na raiz da serra. Você vai usar o vestido e o véu da minha mãe, e não falo assim por estar sentimental, não é por causa da morfina” (BUARQUE, 2009, p. 5).

O trecho abaixo transcrito complementa o anterior, comprova o monólogo do narrador e a importância dos lugares em que viveu ao retomar sua vida nas lembranças:

[...] bem em cima do nosso próprio terreno levantaram um centro médico de dezoito andares, e com isso acabo de me lembrar que o casarão não existe mais. E mesmo a fazenda na raiz da serra, acho que desapropriaram em 1947 para passar a rodovia. Estou pensando alto para que você me escute. E falo devagar, como quem escreve, para que você me transcreva sem precisar de taquigrafa, você está aí? (BUARQUE, 2009, p. 7).

Em outras passagens da narrativa, o narratário é a filha de Eulálio, como no trecho a seguir:

Quando perdi minha mulher, foi atroz. E qualquer coisa que eu recorde agora, vai doer, a memória é uma vasta ferida. Mas nem assim você me dá os remédios, você é meio desumana. Acho que você nem é da enfermagem, nunca vi essa sua cara por aqui. Claro, você é a minha filha que estava na contraluz, me dê um

V ENALI

ENCONTRO NACIONAL DE LÍNGUA E LITERATURA

CULTURA E LITERATURA:
REPRESENTAÇÃO DO ESPAÇO URBANO



beijo. Eu ia mesmo telefonar para me fazer companhia, me ler jornais, romances russos. Fica essa televisão ligada o dia inteiro, as pessoas aqui não são sociáveis (BUARQUE, 2009, p. 10- 11).

O narrador imprime um tom melancólico a sua narração, porque mexe em feridas não cicatrizadas em sua alma, tais como a perda de Matilde, as tristezas provocadas pela filha e a decadência de sua família, fatos inaceitáveis para um Assumpção.

As circunstâncias da narração interferem no discurso do narrador quando surgem fatos do presente relacionados ao narrador-personagem. Estes fatos interrompem a narração de fatos do passado, como na passagem a seguir, na qual a enfermeira traz uma injeção e isso interrompe as lembranças:

Matilde sempre me escapava. E a cada vez eu ia inspecionar salas, quartos, banheiros, porão e sótão, fingindo crer que ela teria fugido por engano para dentro de casa. Muito mais tarde, depois que ela saiu da minha vida, mantive o capricho de procurá-la do mesmo jeito, toda noite, no chalé de Copacabana. E até o fim deixei todas as portas abertas para ela, mas eu não deveria lhe falar tanto assim da minha mulher. Lá vem você com a seringa, é melhor dormir, tome meu braço (BUARQUE, 2009, p. 46- 47)

Juracy Assmann Saraiva afirma que “Contar é igual a viver. [...] A narrativa é igual à vida; a ausência de narrativa, à morte” (SARAIVA, 1993). Assumpção, moribundo, mantém tênue o fio da vida, a partir das lembranças que narra, enfatizando os locais nos quais viveu importantes momentos e que ficaram vivos em sua memória.

Segundo Gastón de Bachelard⁴ no “teatro do passado que é a memória, o cenário mantém os personagens em seu papel dominante”, logo, a função do espaço é reter o “tempo comprimido”. O autor explica ainda que “o inconsciente permanece nos locais” (BACHELARD, 1996, p. 28- 29), por isso, “o espaço é tudo”, uma vez que “a memória não registra a duração concreta”, pois não é possível reviver “as durações abolidas. Só podemos pensá-las, pensá-las na linha de um espaço abstrato privado de qualquer espessura”. Assim,

⁴ Os espaços são examinados por Bachelard em *A poética do espaço*, numa perspectiva denominada topofilia, definida pelo autor como o valor humano dos espaços (Bachelard, 1996, p. 19).

V ENALI

ENCONTRO NACIONAL DE LÍNGUA E LITERATURA

CULTURA E LITERATURA:
REPRESENTAÇÃO DO ESPAÇO URBANO



segundo o autor, “as lembranças são imóveis” e o espaço permite que encontremos os “belos fósseis de duração concretizados por longas permanências.” Logo, para Bachelard:

Mais profunda que a biografia, a hermenêutica deve determinar os centros de destino, desembaraçando a história de seu tecido temporal conjuntivo que não atua sobre o nosso destino. Mais urgente que a determinação das datas é, para o conhecimento da intimidade, a localização nos espaços da nossa intimidade (BACHELARD, 1996, p. 28- 29).

Portanto, se o ser humano deseja reconstruir a história de um indivíduo, de um grupo ou de uma sociedade ou compreender uma narrativa em sua profundidade, deve vasculhar os espaços que retém as lembranças, pois eles serão como o fio de Ariadne, que permitiu a Teseu desvendar o enigma do labirinto. Em seus devaneios, ao percorrer os espaços vividos, o homem reconstrói toda uma vida, como o faz Eulálio Assumpção, protagonista de *Leite derramado*. Os deslocamentos do personagem pelos salões da memória conjugam simultaneamente presente, passado e futuro e comprovam a afirmação de Bachelard sobre a função do espaço, que é a de reter o tempo comprimido.

Os estudos de Bachelard mostram a importância do espaço e dialogam com as conclusões de Roland Bourneuff e Réal Ouellet, que afirmam que “Longe de ser indiferente, o espaço num romance exprime-se, pois, em formas e reveste sentidos múltiplos até constituir por vezes a razão de ser da obra” (BOURNEUF; OUELLET, 1976, p. 134).

Já Osman Lins, por sua vez, afirma que “a narrativa é um objeto compacto e inextrincável, todos os seus fios se entrelaçam entre si e cada um reflete inúmeros outros” (LINS, 1976, p. 63). Por essa razão, “o espaço proporciona grandes possibilidades de estudo, variadas e atraentes” (LINS, 1976, p. 65), mesmo quando rarefeito e impreciso, exigindo a concentração do interesse nas personagens e em suas relações gerais, desprovidas de significado histórico ou sociológico. O autor argumenta que “se obras fantásticas ou míticas beneficiam-se do espaço, utilizando-o como espaço dominante, pode-se prever sua importância em narrativas de cunho declaradamente realista” (LINS, 1976, p. 67).

V ENALLI

ENCONTRO NACIONAL DE LÍNGUA E LITERATURA

CULTURA E LITERATURA:
REPRESENTAÇÃO DO ESPAÇO URBANO



Com exceção de raros casos nos quais acontece a “intromissão do narrador impessoal mediante o discurso abstrato, tudo na ficção sugere a existência do espaço” e, para entendê-lo é necessário isolá-lo “dentro de limites arbitrários”, pois personagens e espaço podem opor-se e completar-se ao mesmo tempo (LINS, 1976, p. 70). Nessa perspectiva, o espaço tem sido entendido como

[...] tudo que, intencionalmente disposto, enquadra a personagem e que, inventariado, tanto pode ser absorvido como acrescentado pela personagem, sucedendo, inclusive, ser constituído por figuras humanas, então coisificadas ou com a sua individualidade tendendo para zero (LINS, 1976, p. 72).

Além disso, é importante referir que o horizonte espacial no texto quase nunca se reduz ao denotado, apresenta também sentido conotativo. Em uma narrativa, as referências espaciais tanto podem se constituir em informantes quanto em índices, ou em ambos ao mesmo tempo. No primeiro caso, os lugares ou objetos têm como função construir a verossimilhança por meio da remissão a lugares que existiram em determinado tempo e espaço e a objetos que marcaram época. Já no segundo, remetem às significações de sentido conotativo, normalmente relacionadas às personagens.

Osman Lins apresenta o espaço social em um sentido amplo, considerando-o como “certo conjunto de fatores sociais, econômicos e até mesmo históricos que, em muitas narrativas, assumem extrema importância e que cercam as personagens, as quais, por sua vez, só em face desses mesmos valores adquirem plena significação” (LINS, 1996, p. 74). Essa definição permite depreender a inter-relação entre os fatores composicionais e a importância do espaço tanto para a significação da narrativa quanto para a sua relação com o contexto da época da produção da obra.

3 A ESPACIALIDADE COMO REPRESENTAÇÃO SIMBÓLICA

No texto literário tudo está interligado e contribui para a significação, por isso a arte literária constitui, a partir da expressão da subjetividade do artista, uma estrutura que

V ENALI

ENCONTRO NACIONAL DE LÍNGUA E LITERATURA

CULTURA E LITERATURA:
REPRESENTAÇÃO DO ESPAÇO URBANO



reflete, de forma simbólica, a sociedade, configurando-se em uma representação que transcende tempo e espaço devido à plurissignificação da linguagem. Entretanto, a análise da obra como objeto de conhecimento só é possível pela simbologia e, assim como na vida real, sua análise não se faz desvinculada do contexto, por isso, é extremamente importante percorrer o caminho da espacialidade.

Ele constrói sentidos e desvenda significados no texto, a partir da alusão a espaços e a objetos que servem tanto como informantes quanto como índices de uma época, remetendo ao modo de ser das personagens, em uma clara alusão à vida real. Além disso, o estudo da espacialidade em um texto literário revela a cultura da sociedade da época de sua produção por meio da alusão a espaços reais como ruas, teatros, bibliotecas, museus; a objetos de arte tais como quadros, estátuas; a eventos culturais como concertos, exposições, peças teatrais, saraus e, também, na forma de lazer das personagens e nas obras literárias citadas por elas; nas práticas do cotidiano, ligadas à alimentação, a normas de comportamento coletivo. Portanto, a análise da significação das referências espaciais presentes em uma obra de arte literária permite a reconstituição da cultura de um povo ou de uma época, que ganha especial contorno pelo uso de descrições.

No romance *Leite derramado*, a função da descrição aparece pela menção a objetos que revelam a psicologia das personagens, como o véu da mãe de Eulálio, os rendados, os cristais, a baixela, as jóias, o nome da família. Esses objetos são associados à figura da mãe quando o personagem Eulálio Assumpção, em seus devaneios, afirma que ao sair do hospital, ele e a enfermeira por quem está apaixonado, se casarão na fazenda de sua feliz infância, na raiz da serra.

Ele considera o “nome da família” como um dos objetos de valor e associa à mãe objetos que ostentam o luxo e o requinte da família. Além disso, na mesma passagem, há um contraste entre os objetos que remetem à mãe e o único que lembra a esposa, que é o cavalo. Na narrativa as duas mulheres estão em constante oposição.

A rede de significações que se estabelece por meio das referências aos objetos e suas relações com as personagens adquirem um sentido ainda maior na narrativa, se associados

V ENALI

ENCONTRO NACIONAL DE LÍNGUA E LITERATURA

CULTURA E LITERATURA:
REPRESENTAÇÃO DO ESPAÇO URBANO



ao seu significado simbólico. Dentre os vários significados referentes ao cavalo encontrados no dicionário de símbolos, os que mais estabelecem relações com a narrativa são os que associam a imagem do cavalo às trevas do mundo cotidiano e à impetuosidade do desejo e o definem como “filho da noite e do mistério (...) portador de morte e de vida a um só tempo, ligado ao fogo, destruidor e triunfador, como também à água, nutriente e asfixiante” (CHEVALIER; GHEERBRANT, 1998, p. 203). Essas imagens simbólicas do cavalo conduzem o olhar do leitor à observação do motivo pelo qual dentre os objetos que lembram a fazenda, o cavalo de Matilde está entre eles.

O cavalo é um signo indicial que remete à Matilde, não só por ter pertencido à personagem, mas porque a simbologia referente ao cavalo pode ser apreendida nas relações entre o casal. Matilde trouxe, ao mesmo tempo, morte e vida a Eulálio. Ele sempre foi apaixonado por ela, mas nunca conseguiu viver o amor na plenitude. Era uma paixão destruidora como o fogo, que consumiu suas entranhas e as aparências sociais que perpassavam a vida familiar, e triunfadora, no sentido de nunca ter sido esquecida, continuar viva no coração e nas lembranças de Eulálio, nutrindo-o e asfixiando-o até levá-lo à sobrevivência das lembranças: “[...] Sem Matilde, eu andava por aí chorando alto, talvez como aqueles escravos libertos de que se fala. Era como se a cada passo eu me rasgasse um pouco, porque minha pele tinha ficado presa naquela mulher” (BUARQUE, 2009, p. 56).

O dicionário de símbolos explica ainda que, para os psicanalistas, o cavalo representa “o símbolo do psiquismo inconsciente ou da psique não humana (JUNA, 312) arquétipo próximo ao da Mãe, memória do mundo, ou então ao do tempo, porquanto está ligado aos grandes relógios naturais (DURS, 72), ou ainda ao da impetuosidade e do desejo”. (CHEVALIER; GHEERBRANT, 1998, p. 203).

A impetuosidade e o desejo que aproximaram Eulálio de Matilde e nutriram a paixão através dos tempos estão representados na lembrança do cavalo como símbolo do psiquismo inconsciente, que evocava a cada instante do passeio pelos salões da memória, as lembranças de Matilde. Assim, percebe-se a importância dos objetos na construção das personagens e das relações simbólicas que dão sentido à diegese.

V ENALI

ENCONTRO NACIONAL DE LÍNGUA E LITERATURA

CULTURA E LITERATURA:
REPRESENTAÇÃO DO ESPAÇO URBANO



Bourneuf e Oullet (1976, p. 141) complementam ainda que “o espaço, quer seja “real” ou “imaginário” surge portanto associado ou até integrado às personagens, como o está à ação ou ao escoar do tempo”.

Para o personagem principal de *Leite derramado*, Eulálio, o presente é representado pela filha meio desumana que deixa a persiana aberta, o que faz com que o sol incida em seu rosto; pelo ar insuportável do hospital; pela televisão ligada o dia inteiro, fato que denota as pessoas não sociáveis que o rodeiam, pela enfermeira que vem com o aparelho de injeção... Já o passado é resgatado na memória, que ele mesmo define como uma vasta ferida. Entretanto, Eulálio não pode curar a ferida, apenas lembrar a dor que sente por não poder voltar atrás no tempo. Anseia ser levado pelo garotão, seu neto, para uma casa de saúde tradicional, de religiosas ou fazer uma viagem e continuar seu tratamento em Paris e morrer na mesma cama do Ritz, onde dormiu quando menino, quando passava as férias com o pai, na Europa. A miséria da sobrevida atual contrasta com a riqueza de antigamente e com a esperança de recuperá-la no futuro.

Eulálio lembra as viagens no Atlanza, no Capitão Polônio e no Lutétia e se engrandece ao comparar-se com Matilde, sua esposa, que nunca tinha visto um navio de perto. A posição social de sua família contrasta com a de sua esposa. E, como uma lembrança puxa outra, rememora a recepção ao engenheiro francês no cais do porto e as vestimentas de Matilde: cabelos cortados à la garçon; vestido de cetim cor de laranja; turbante de feltro alaranjado; empinada na ponta dos pés com sapato de salto e rouge demais. Os objetos alaranjados, ao mesmo tempo em que caracterizam Matilde, revelam a cor da raiva cega de Eulálio pela felicidade e pela falta de *finesse* da esposa. As cores berrantes e o ruge em excesso aliados ao cetim do vestido, ao feltro do turbante e aos saltos altos mostram a necessidade que ela tem de aparecer aos olhos da sociedade, e o excesso traduz sua vulgaridade. Novamente Matilde é o oposto da mãe de Eulálio.

Entretanto, não são somente os objetos que constroem significações e que têm importância na narrativa. É importante referir que “se procurarmos a frequência, o ritmo, a ordem e sobretudo a razão das mudanças de lugares em um romance, descobrimos a que

V ENALI

ENCONTRO NACIONAL DE LÍNGUA E LITERATURA

CULTURA E LITERATURA:
REPRESENTAÇÃO DO ESPAÇO URBANO



ponto eles são importantes para assegurar à narrativa simultaneamente a sua unidade e o seu movimento” (BOURNEUF; OUELLET, 1976, p. 135) e a necessidade de unir o estudo da espacialidade aos demais elementos constitutivos de uma narrativa. O espaço imaginário “surge, portanto, associado, ou até integrado, às personagens, como o está à ação ou ao escoar do tempo” (BOURNEUF; OUELLET, 1976, p. 141).

Leite derramado é um romance quase imóvel, pois o narrador conta suas memórias do leito de um hospital, entretanto, por meio de sua narração ao vagar pelos salões da memória, o leitor é convidado a observar várias mudanças de lugares pelas quais o personagem principal Eulálio passou, que não só encerram significações simbólicas esclarecedoras, como asseguram o movimento e a unidade na narrativa a que Bourneff e Oullet se referem. Os deslocamentos de Eulálio pelos salões da memória trazem deslocamentos da vida real passada que o levaram ao espaço em que se encontra no presente, mesmo quando os delírios mesclam fantasia e realidade.

O romance desenvolve-se sobre dois planos espaciais que correspondem a dois planos físicos e psicológicos: a realidade da sobrevida no hospital e as lembranças de sua vida no itinerário que desvela a degradação moral e material em vários espaços do Rio de Janeiro. A narração, dividida entre o espaço real (hospital) e o espaço da memória (salões) mostra o drama da busca de um passado que não volta mais.

4 OS SALÕES DA MEMÓRIA: ESPAÇO E TEMPORALIDADE MESCLADOS EM DEVANEIOS

No romance *Leite Derramado*, passado, presente e futuro estão misturados no espaço da memória e encadeados linearmente no espaço real, entretanto, como a realidade do personagem principal, confinado numa cama de hospital, é reviver os acontecimentos passados, os três tempos são mesclados num só devaneio, interrompido por pequenas rupturas ocasionadas pelos acontecimentos do presente, na sobrevida do hospital.

V ENALI

ENCONTRO NACIONAL DE LÍNGUA E LITERATURA

CULTURA E LITERATURA:
REPRESENTAÇÃO DO ESPAÇO URBANO



O tempo presente de Eulálio está dividido em dois espaços, que, por vezes, se misturam: o da realidade e o da memória. Dentro do espaço real, que é mesclado pelo da memória, na cama de um hospital, ele conta às enfermeiras, à filha, a todos que queiram ouvir, lembranças do seu passado e sonha com um futuro que traga de volta os locais que marcaram sua vida e a posição social que perdeu, sendo constantemente interrompido pelas enfermeiras que trazem medicação ou pelos momentos de consciência em que descreve o hospital.

Em seus devaneios, ele conta à enfermeira que casará com ela na fazenda do avô: “Quando eu sair daqui, vamos nos casar na fazenda da minha feliz infância, lá na raiz da serra...” (BUARQUE, 2009, p. 5). Assim, ele busca um futuro, que, de certa forma, traga de volta seu passado, marcado pelos espaços em que viveu e que se constituirão em opções de moradia para o casal, quando sair do hospital. A primeira opção é o espaço da fazenda e o “[...] casamento na capela que foi consagrada pelo cardeal arcebispo do Rio de Janeiro em 1800...” (BUARQUE, 2009, p. 5). Em segundo lugar, ele lembra o chalé de Copacabana, aonde ele não gostaria de morar: “[...] Minha mulher gostava de sol, voltava sempre afogueada das tardes no areal de Copacabana. Mas nosso chalé em Copacabana já veio abaixo, e de qualquer forma eu não moraria com você na casa de outro casamento.” (BUARQUE, 2009, p. 5- 6). E, a segunda opção e terceira lembrança, é o casarão de Botafogo: “[...] Mas se você não gostar da raiz da serra por causa das pererecas e dos insetos, ou da lonjura ou de outra coisa, poderíamos morar em Botafogo, no casarão construído por meu pai” (BUARQUE, 2009, p. 6).

Além dos espaços, Eulálio elenca os objetos desejados no futuro, mesclando os que representaram a tradição familiar e a paixão do passado: “[...] você vai usar o vestido e o véu da minha mãe, [...] vai dispor dos rendados, dos cristais, da baixela, das jóias e do nome da minha família [...] vai montar no cavalo da minha antiga mulher” (BUARQUE, 2009, p. 5); com os objetos que conferem modernidade e conforto: “[...] se ainda não houver luz elétrica providenciarei um gerador para você ver televisão. Vai ter também ar-condicionado em todos os aposentos da sede” (BUARQUE, 2009, p. 5). Ele elenca também os objetos do

V ENALI

ENCONTRO NACIONAL DE LÍNGUA E LITERATURA

CULTURA E LITERATURA:
REPRESENTAÇÃO DO ESPAÇO URBANO



casarão, que mostram a riqueza e a posição social da família: “há quartos enormes, banheiros de mármore com bidés, vários salões com espelhos venezianos, estátuas, pé-direito monumental e telhas de ardósia importadas da França. Há palmeiras, abacateiros e amendoeiras no jardim, que virou estacionamento depois que a embaixada da Dinamarca mudou para Brasília. Os dinamarqueses me compraram o casarão a preço de banana, por causa das trapalhadas do meu genro” (BUARQUE, 2009, p. 6).

Eulálio ainda busca a realização na vida por meio da ilusão de um casamento com a enfermeira, fato que pode ser comprovado pela menção de um dito popular que atribui a realização do ser humano ao fato de plantar uma árvore, escrever um livro e ter um filho: “E plantaremos árvores, escreveremos livros, criaremos filhos nas terras do meu avô” (BUARQUE, 2009, p. 6) e da retomada de suas propriedades:

Mas se amanhã eu vender a fazenda, que tem duzentos alqueires de lavoura e pastos, cortados por um ribeirão de água potável, talvez possa reaver o casarão de Botafogo e restaurar os móveis de mogno, mandar afinar o piano Pleyel da minha mãe. Terei bricolagens para me ocupar anos a fio, e caso você deseje prosseguir na profissão, irá para o trabalho a pé, visto que o bairro é farto em hospitais e consultórios. (BUARQUE, 2009, p. 6)

Entretanto, ele aos poucos recupera a lembrança de que esses bens não são mais seus: “Aliás, bem em cima do nosso próprio terreno levantaram um centro médico de dezoito andares, e com isso acabo de me lembrar que o casarão não existe mais. E mesmo a fazenda na raiz da serra, acho que desapropriaram em 1947 para passar a rodovia” (BUARQUE, 2009, p. 7). E os devaneios de Eulálio são interrompidos pelos objetos que o trazem de volta à realidade: morfina, injeção, sonífero, novela, jornal, filme, televisão ligada e fora do ar, chuviscos que encobrem a voz, tudo isso num espaço construído por apelos à sensorialidade que remetem ao hospital: ruídos de gente, de vísceras, um sujeito entubado que emite sons rascantes, sirene na rua, telefone, passos, médico plantonista a tomar o

V ENALLI

ENCONTRO NACIONAL DE LÍNGUA E LITERATURA

CULTURA E LITERATURA:
REPRESENTAÇÃO DO ESPAÇO URBANO



pulso, padre a visitar enfermos, elevadores fedorentos, baratas subindo pelas paredes, gororoba. Ele reclama da falta de cuidado quando o arrancam da cama e o passam para a maca:

Nem bem acordei, não me escovaram os dentes, estou com a cara amassada e a barba por fazer, e com este péssimo aspecto me fazem desfilas sobre a luz fria do corredor que é um verdadeiro purgatório, com um monte de gente estropiada pelo chão, fora os vagabundos vem ali a fim de ver desgraça. (BUARQUE, 2009, p. 23)

Como se isso não bastasse, nos momentos de lucidez observa ainda que, para a enfermeira, ele não tem importância alguma, é como se fizesse parte dos objetos do quarto: “Adoro ver seus olhos de rapariga rondando a enfermaria: eu, o relógio, a televisão, o celular, eu, a cama do tetraplégico, o soro, a sonda, o velho do Alzheimer, o celular, a televisão, eu, o relógio de novo, não deu nem um minuto” (BUARQUE, 2009, p. 19).

Eulálio comenta ainda: “há sempre uma expectativa que me impede de cair no sono” (BUARQUE, 2009, p.08) até “topar na porta de um pensamento oco que me trará para as profundezas, onde costumo sonhar em preto-e-branco” (BUARQUE, 2009, p. 8), e define o sono como um “corredor cheio de pensamentos”. (BUARQUE, 2009, p. 8). Já o espaço da memória é descrito como “um salão cada vez mais espaçoso” (BUARQUE, 2009, p. 14) e também como um pandemônio onde não existe qualquer ordem:

A memória é deveras um pandemônio, mas está tudo lá dentro, depois de fuçar um pouco o dono é capaz de encontrar todas as coisas. Não pode é alguém de fora se intrometer, como a empregada que remove a papelada para espanar o escritório. Ou como a filha que pretende dispor minha memória na ordem dela, cronológica, alfabética, ou por assunto (BUARQUE, 2009, p. 41).

Assim, percebe-se que os sonhos em preto-e-branco não são passíveis de intromissões e que neles não existe linearidade, embora as experiências vividas estejam ali guardadas e prontas para aflorar em qualquer tempo ou espaço.

V ENALI

ENCONTRO NACIONAL DE LÍNGUA E LITERATURA

CULTURA E LITERATURA:
REPRESENTAÇÃO DO ESPAÇO URBANO



5 A FAMÍLIA ASSUMPÇÃO: A DECADÊNCIA INSCRITA EM REFERÊNCIAS ESPACIAIS

Em *Leite derramado*, a trajetória de decadência da família inicia com a remissão de Eulálio ao primeiro espaço que marcou a sua vida, a fazenda da feliz infância, lá na raiz da serra, de propriedade de seu avô. Esse foi um figurão do Império, grão-maçom e abolicionista radical, possuía cacauais na Bahia e cafezais em São Paulo. Ele fez fortuna, morreu no exílio e foi enterrado no cemitério da fazenda. Nessa fazenda, havia uma capela consagrada pelo cardeal arcebispo do Rio de Janeiro no século XVIII, o cemitério particular da família, duzentos alqueires de lavouras e pastos, um ribeirão de água potável e vários objetos que traduziam a riqueza da família: rendados, cristais, baixela, jóias e o próprio nome da família.

Esse espaço é revivido no devaneio e contrasta com a triste realidade da miséria e o abandono da vida real, na qual Eulálio é um simples moribundo, atirado num leito de hospital:

É o tal negócio, me arrancam da cama, me passam para a maca, ninguém quer saber dos meus incômodos. Nem bem acordei, não me escovaram os dentes, estou com a cara amassada e a barba por fazer, e com este péssimo aspecto me fazem desfilar sob a luz fria do corredor que é um verdadeiro purgatório, com um monte de gente estropiada pelo chão, fora os vagabundos que vêm ali a fim de ver desgraça. Por isso puxo o lençol e cubro meu outrora belo rosto, que logo tornam a expor para não parecer que estou morto, porque causa má impressão, ou é vexatório para maqueiro transportar defunto. Depois tem o elevador, onde todos olham sem cerimônia para a minha cara, em vez de olhar o chão, o teto, o mostrador de andares, porque também não custa nada olhar para um traste (BUARQUE, 2009, p. 23).

O segundo espaço demarcado é o casarão de Botafogo, construído pelo pai, Eulálio Ribas d' Assumpção, diplomata e senador, assassinado, na opinião da esposa, que pertencia à tradicional família Montenegro e lia o Jornal *O Paiz*, por motivos políticos, mas que, segundo as más línguas havia sido morto por namorar uma mulher casada. A família Montenegro era mais abastada que a dos Assumpção, pois só em pastagens eram donos de metade do estado de Minas Gerais. O pai de Eulálio, que recebera do presidente Campos

V ENALI

ENCONTRO NACIONAL DE LÍNGUA E LITERATURA

CULTURA E LITERATURA:
REPRESENTAÇÃO DO ESPAÇO URBANO



Sales a concessão do porto de Manaus, o levava várias vezes para a Europa nos navios Atlanza, Capitão Polônio e Lutétia e o fizera conhecer os cabarés franceses e, com dezessete anos, em Crans-Montana, nos Alpes Suíços, lhe mostrara o que era cocaína.

No casarão, as telhas de ardósia eram importadas da França, os quartos eram enormes, os banheiros eram de mármore com bidês e havia vários salões com espelhos venezianos e estátuas, móveis de mogno, uma Frigidaire que o pai mandara vir dos Estados Unidos, um piano Pleyel da mãe, bem como um jardim com palmeiras, abacateiros e amendoeiras. Nessa casa, os assuntos de família eram tratados em francês e a mãe só falava por metáforas. Sobre a cômoda da mãe havia retratos do avô, a caminhar em Londres. Eulálio lembra detalhes que mostram a época em que a família estava no topo da sociedade por meio de casas e objetos que marcaram os bons tempos.

O terceiro espaço importante é o chalé de Copacabana, que a mãe de Eulálio reformou e deu como presente de casamento a ele, juntamente com uma mesada de quatro contos de réis, para que o filho não fosse trabalhar como assessor do sogro, que era deputado de um partido adversário ao pai de Eulálio. Para o chalé, Matilde, a esposa de Eulálio, voltava afogueada das tardes no areal, e ele se distanciava do casarão da família, com que Matilde não combinava.

Em seus devaneios, Eulálio concentra as lembranças em torno das casas nas quais viveu, como centros difusores de lembranças e demarcatórios das diversas fases de sua vida. Logo, essas casas citadas por Eulálio não se constituem em meras descrições subjetivas ou objetivas nas quais o personagem lembra o passado, mas encerram uma rede de significados ligados à “função original do habitar” (BACHELARD, 1996, p. 24).

Dessa forma, Eulálio, ao transitar pelos seus devaneios e pelas moradas do passado, revive momentos que marcaram sua vida e, protegido pelos limites de sua imaginação, percorre espaços louvados: a fazenda da feliz infância, o casarão de Botafogo e o chalé de Copacabana, os seus cantos de enraizamento no mundo. São esses ambientes vividos que, de acordo com a fenomenologia, revelam “concretamente os valores do espaço habitado, o não-eu que protege o eu” (BACHELARD, 1996, p. 24). Assim, Eulálio, representa o ser que

V ENALI

ENCONTRO NACIONAL DE LÍNGUA E LITERATURA

CULTURA E LITERATURA:
REPRESENTAÇÃO DO ESPAÇO URBANO



encontra abrigo e “sensibiliza os limites do seu abrigo. Vive a casa em sua realidade e em sua virtualidade, através do pensamento e dos sonhos” (BACHELARD, 1996, p. 24). Ele revive as emoções do passado e sonha com um futuro melhor por meio dos espaços evocados.

Maria Eulália, filha de Eulálio, torrou todos os bens da família, o casarão, o chalé, os imóveis, inclusive o jazigo da família, e fez a doação do apartamento para o bisneto, que o utilizou para pagar um empréstimo. Assim, ela e Eulálio foram morar de favor numa casa de um só cômodo pegada a uma igreja nos arredores da cidade, cedida pelo pastor, onde antigamente era a fazenda da raiz da serra. Eulálio confortou-se ao saber que estava morando numa casinha que ficava acima do cemitério onde o seu avô repousava. Morou ali até sofrer uma queda e ir parar no hospital, onde começou a reviver seu itinerário nos salões da memória.

O cais do porto também é mencionado na narrativa como um espaço que Eulálio conhecia bem devido às viagens de navio. Também são mencionados o Palace Hotel, como melhor hotel da Avenida Central, onde Dubosc foi hospedado e o Ritz, onde Eulálio se hospedava com seu pai, quando passava as férias na Europa.

6 CONCLUSÃO

Os deslocamentos espaciais de Eulálio denotam a ruína da família Assumpção, numa degregação circular, que iniciou e terminou no mesmo local, na fazenda da feliz infância, na raiz da serra, como pode ser sintetizado na figura 1, apesar de ele ter terminado seus dias no hospital público. Logo, o tratamento dado à espacialidade realmente pode se constituir no elemento primordial da narrativa. E a literatura, ao colocar o leitor frente a frente com situações ficcionais que podem acontecer na realidade e mexer com os sentimentos, permitem a catarse e o encontro consigo mesmo. Conforme Umberto Eco,

V ENALI

ENCONTRO NACIONAL DE LÍNGUA E LITERATURA

CULTURA E LITERATURA:
REPRESENTAÇÃO DO ESPAÇO URBANO



[...] ler ficção significa jogar um jogo através do qual damos o sentido à infinidade de coisas que aconteceram, estão acontecendo, ou vão acontecer no mundo real. Ao lermos uma narrativa, fugimos da ansiedade de que nos assalta quando tentamos dizer algo de verdadeiro a respeito do mundo. Essa é a função consoladora da narrativa – a razão pela qual as pessoas contam histórias e têm contado histórias desde o início dos tempos. E sempre foi a função suprema do mito: encontrar uma forma no tumulto da experiência humana” (ECO, 1994, p. 93).



Figura 1

REFERÊNCIAS

BACHELARD, Gastón. *A poética do espaço*. São Paulo, Martins Fontes, 1996.

BOURNEUF, R.; OUELLET, R. O espaço. In: *O universo do romance*. Coimbra: Almedina, 1976, p. 130-168.

_____. As personagens. In: *O universo do romance*. Coimbra: Almedina, 1976, p. 199-279.

BUARQUE, Chico. *Leite derramado*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

V ENALI

ENCONTRO NACIONAL DE LÍNGUA E LITERATURA

CULTURA E LITERATURA:
REPRESENTAÇÃO DO ESPAÇO URBANO



ECO, Umberto. Bosques possíveis. In: _____. *Seis passeios pelos bosques da ficção*. São Paulo: Cia. das Letras, 1994, p. 81-102.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT. *Dicionário de símbolos*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1998. 12. ed.

GENETTE, G. Fronteiras da narrativa. In: BARTHES, R. et al. *Análise estrutural da narrativa*. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 1976, p. 255-285.

LINS, Osman. *Lima Barreto e o espaço romanesco*. São Paulo: Ática, 1976.

MOISÉS, Leyla Perrone. Por amor à arte. Scielo Brazil. *Estudos Avançados*. São Paulo, v. 19, n. 55, set./dez. 2005. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142005000300025. Acesso em 8 janeiro 2013.

SARAIVA, Juracy Assmann. *O narrador*. In: *O circuito das memórias em Machado de Assis*. São Paulo: Edusp, 1993.